

O automóvel tem, na Europa, uma função que nós desconhecemos. É uma função condensadora de tempo e espaço. Podemos, no Brasil, intuir essa função se recorrermos ao avião a jato. Mas teremos captado apenas o aspecto espacial da condensação que tenho em mente. Graças ao avião a jato tornam-se vizinhas regiões tão díspares como São Paulo e Manaus. Mas graças ao automóvel acotovelam-se não apenas regiões tão distantes como os Alpes e a floresta Negra, mas também épocas tão diferentes como a carolinga de Zurique e a guilhermina de Strasburgo. O propósito do presente artigo é expor os efeitos de uma dessas condensações automobilísticas, da qual fui vítima ontem.

A situação condensada que exporei tem os seguintes horizontes gastronômicos como situações de limite: geleia de frutas da floresta Negra para o café da manhã, fígado de ganso de Strasburgo com vinho do Reno para o almoço, e suco de maçã da floresta negra para o lanche. Entre os extremos desse triângulo está localizada uma viagem vigorosa pela floresta até a catedral, e da catedral até um trecho diferente da floresta. Mas não diga o leitor que uma condensação tão absurda é possível por ser a Europa um mundo em miniatura. Nada há de minúsculo ou de diminutivo na situação a ser descrita. Pelo contrário: tem por polos a floresta imensa e a catedral gigantesca. A condensação não diminui, mas salienta essa grandiosidade. Condensa o gigante no dedo, e é assim que o conhecemos: "ex digito gigantem". E quem é o gigante condensado? O presente artigo é a tentativa de resposta a esta pergunta.

A floresta pela qual passo rumo ao Reno, "cálice das nações", é solene. Há nela a ordem e a pureza da solenidade. Ordenados e puros são os troncos dos pinheiros, perpendiculares e castos. Solene é o chão coberto pelo tapete cerimonial do musgo. Ordenado e puro o desenho de manchas de luz na escuridão solene. Sério, pomposo e ordenado o vôo dos falcões, vigias da floresta, e pomposo e solene também o brincar das corças e dos esquilos, contrapontos dos falcões e da seriedade. O mundo dos contos de fada, do paganismo? Sim, mas de um paganismo inteiramente diferente daquele que inspirava a filosofia grega. Os bosques da Grécia, (imagino), abrigam a orgia, o medo pânico, e o sentido trágico da vida. Estas florestas, (vejo), abrigam a astúcia brutal da raposa e a violência sangrenta do lobo. Quão enganado está Heidegger, na próxima Freiburg, em querer estabelecer paralelo entre os bosques helênicos e esta floresta. Somos uma conversação com os Gregos, diz ele. Não, se habitamos estas florestas. A despeito da ordem pura e solene que aqui reina é muito difícil e penosa a penetração da outra ordem, da helênica, da razoável. Sabemos da história como resistia a floresta à invasão do bosque, (que tomava a forma das legiões romanas), e como essa invasão, quando realizada, continuava superficial e frágil. E sabemos, infelizmente, da história recente, que a invasão não conseguiu exterminar as raposas e os lobos da floresta.

Sei da raposa e do lobo, vejo a sua marca nos rostos que me cercam, e seu trilho no asfalto liso e perfeito que percorro. Mas este meu saber não consegue diminuir a beleza da floresta. É a beleza do Mal, a suma beleza. O

VILÉM FLUSSER

Logo susurra o convite para o Mal, e o vento suave nos pinheiros canta o Seu louvor bachianamente. Sou prisioneiro da floresta. Mergulhei no mundo dos germanos.

A estrada desce da serra. A floresta se abre. Campos latinamente retangulares, parreirais sorridentes, árvores pesadas com frutas. Torres romanescas entre telhados geométricamente ordenados, castelos quadrados sobre colinas: estou no vale do Reno. Recebo o sopro da civilização latina em pleno rosto, e encho os pulmões com a brisa da liberdade. Atravesso o pai dos rios. É, pelo tamanho, um rio de segunda classe, se comparado com os rios brasileiros. Mas pelos espectros sangrentos que evoca, e que pairam, palpáveis, sobre as suas colinas carregadas de riqueza, é ele O Rio. Divide e corre. Banha contrastes. E é a doce França que me recebe no seu outro lado.

Doce França? Quem me recebe no outro lado é aquela corralheira de fé, aquela serra da salvação chamada catedral de Strasburgo. Colossais os portões, colossais as torres, colossal a nave, colossal, cordilheiresca, a sua arquitetura. Os telescópios que a cercam e que a enfocam de todos os ângulos prestam a homenagem adequada à catedral: é serra. As esculturas que ostenta são seus rochedos, os arcos góticos e romanescos suas quedas d'água. Mas é uma serra que pode ser penetrada, é um laço ôco. Mágicamente abre as suas portas ao fiel e ao infiel, ao pecador e ao turista. E quem transpõe os portais como eu, vindo da floresta, sofre um choque: está na floresta novamente. Os mesmos troncos, ordenados, perpendiculares e solenes: as colunas. O mesmo chão, liso, pomposo e casto: as pedras amaciadas pelo passo e pelos joelhos de gerações incontáveis. O mesmo desenho de manchas de luz na escuridão: o reflexo dos vitrais coloridos. E um olhar para esses vitrais confirma a impressão: lá estão, cerimonialmente imóveis, os santos imperadores de nacionalidade germânica, e os reis da Alemanha.

mas uma segunda contemplação retifica: esta não é a vivência da floresta. A floresta está aqui, toda ela, com seus lobos e suas raposas, e isto é verdade. Vejo os restos de monstros satânicos que me fitam de todos os lados. Mas esses monstros se retorcem, vencidos, debaixo dos pés triunfantes de santos. As colunas dos pinheiros germânicos carregam arquitraves gregas, e adoram a Mãe Virgem judia. A floresta está aqui, toda ela, com toda a sua solenidade e toda a sua beleza. Está aqui com toda a sua astúcia e brutalidade. Mas está subjugada. Entrou em aliança com a Grécia e a Judeia, mas entrou nessa síntese como elemento vencido. A beleza que vejo não é mais a beleza do Mal, mas a beleza que o Mal coniere ao bem vitorioso.

Não posso morar e demorar no interior da serra da salvação, porque me falta a fé, embora ouça a mensagem (Fausto). E não posso porque as hordas bárbaras de turistas com seus guias mecânicamente semialfabetizados tornam a permanência intolerável. E, "cheu me miserum", o programa me chama. (O leitor terá notado que a volta à Europa provoca um renascimento do latim ginasial, embora o faça irônicamente). O automóvel, com seu poder absurdamente condensador, me conduz à floresta. Transposto o Reno, agora tornado inócuo e inoperante pela

VILÉM FLUSSER

opulência gorda de ambos os seus lados, transposta uma fronteira já agora a penas simbólica, reganho a Floresta Negra. Longe de mim de lamentar uma transformação operada pela riqueza. Não posso lamentar que o vale de sangue, de lágrimas e de lamentos foi transformado em simples parada de automóveis numa estrada asfaltada. Mas posso lamentar de não poder lamentá-lo. Porque foi o milagre económico que operou este milagre cultural, e não uma irmanação mais profunda das duas nações fronteiriças. Há, pois um elemento de superficialidade, de artificialidade e de inautenticidade nessa irmanação aparente, um elemento nefasto. É esta sensação do falso, de "da stimmt etwas nicht", (algo está desafinado), ganha corpo e consolida-se na Floresta Negra. Eis a realidade perene. Eis a floresta imemorial, solene, bela e negra. Como "in illo tempore", também hoje levanta as suas lanças contra o céu. Como "in illo tempore", também hoje esconde os seus segredos. E como "in illo tempore", também hoje preserva o seu poder de revelá-los catastróficamente. É verdade que quando a floresta atravessa o Reno, entra em síntese servil com a civilização ocidental, e a catedral de Strasburgo está aqui para prová-lo. É também verdade que esta mesma civilização penetra por entre os troncos da floresta, e atualmente talvez mais que antigamente. Mas não é menos verdade que, incontáveis vezes, foram derrotadas as legiões nesta mesma floresta, e desta mesma floresta saíram, vitoriosas, as hordas que saquearam e incendiaram os lugares sacros do Ocidente. O limes passa agora muito longe desta serra, e sobre ele estão concentrados os interesses da humanidade. Mas longe passava o limes também nas épocas às quais me refiro. O gigante ao qual me refiro neste artigo, o gigante que aparece, vitorioso, nos pinheiros da floresta, e, vencido, nas colunas da catedral, é o mundo dos germanos. Um gigante que atrai, sem dúvida, pela sua escuridão misteriosa e bela. Pela sua, (porque não admiti-lo?) "profundidade". "In profundis" portanto escrevo este artigo. Da Floresta Negra. Muitos pensadores brasileiros sentem a atração à qual me refiro. É uma atração que pode ser fecunda. Traído o mistério para a luz clara da latinidade, iluminado, aquecido e humanizado pelo sol tropical brasileiro, pode dar profundidade à cultura que nasce. Tenho em mente especialmente as especulações metafísicas de origem alemã que envolvem alguns pensadores brasileiros. Mas é uma atração perigosa. Não esqueçamos isto.

.....

Floresta Negra, 20/9

Caro dr. Décio,

Se o amigo tiver a paciência de lêr estes artigos, verificará o quanto esta viagem fortifica em mim a "brasillidade". Saudade? Ou nos preconceitos que tomaram posse de mim subrepticamente? É preciso de mais distância, é preciso voltar, para poder julgá-lo. O próximo passo é Frankfurt, a Feira do Livro, o fim das férias e o começo do trabalho.

Saudações cordiais e lembranças à sua

esposa, também da minha